



A propósito da introdução à Estética e à Lógica Transcendental na Crítica da razão pura

Regarding the introduction to Aesthetics and Transcendental Logic in the Critique of Pure Reason

*En relación con la introducción a la Estética trascendental y a la Lógica trascendental en la *Crítica de la razón pura**

Renata Cristina Lopes Andrade

Resumo: Buscamos, no presente artigo, abordar as introduções à Estética Transcendental e à Lógica Transcendental da *Crítica da razão pura* de Immanuel Kant, a fim de analisar alguns dos significados, e possíveis relações, entre a Sensibilidade e o Entendimento para a posse de cognições. Não se trata de problematizar o conhecimento enquanto um critério para demonstração da verdade ou enquanto justificação de proposições verdadeiras, antes, trata-se da análise da legitimidade de se ter algo por verdadeiro, isto é, a busca pela gênese do conhecimento, averiguando, segundo Kant, as condições que o tornam legítimo.

Palavras-chave: Estética Transcendental. Lógica Transcendental. Cognição. Kant.

Abstract: In this article, we seek to address the introductions to Transcendental Aesthetics and Transcendental Logic in Immanuel Kant's Critique of Pure Reason, in order to analyze some of the meanings, and possible relationships, between Sensibility and Understanding for the possession of cognitions. It is not a matter of problematizing knowledge as a criterion for demonstrating truth or as a justification of true propositions; rather, it is a matter of analyzing the legitimacy of considering something as true, that is, the search for the genesis of knowledge, ascertaining the conditions that make it legitimate.

Keywords: Transcendental Aesthetics. Transcendental Logic. Cognition. Kant.

Resumen: En este artículo, nos proponemos abordar las introducciones a la Estética trascendental y a la Lógica trascendental de la **Crítica de la razón pura** de Immanuel Kant, con el fin de analizar algunos de los significados —y las posibles relaciones— entre la sensibilidad y el entendimiento en lo que respecta a la posesión de conocimientos. El objetivo no es problematizar el conocimiento como criterio para demostrar la verdad o como justificación de proposiciones verdaderas; más bien, se busca analizar la legitimidad de tener algo por verdadero —es decir, indagar en la génesis del conocimiento investigando, siguiendo a Kant, las condiciones que lo hacen legítimo.

Palabras clave: Estética trascendental. Lógica trascendental. Conocimiento. Kant

Recebido em 12 de agosto de 2024 e aceito em 19 de agosto de 2026

DOI: 10.18378/rbfh.v15i3.12081

Possui Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Câmpus de Marília (2005). Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Paraíso do Norte - FAPAN (2019). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2009). Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Câmpus de Marília (2013). Atualmente é Professora da Universidade Federal do Acre/UFAC

INTRODUÇÃO

No presente artigo, a fim de analisar alguns dos significados, e possíveis relações, entre a Sensibilidade e o Entendimento para a posse de cognições, abordaremos, em particular, duas passagens da *Crítica da razão pura*, a saber: a introdução à *Estética Transcendental*, bem como, a introdução à *Lógica Transcendental*. Consideramos que tais textos, embora introdutórios, são de grande importância, a partir deles, podemos ter a elucidação e compreensão acerca dos termos Sensibilidade e Entendimento em Kant na primeira *Crítica*. Pretendemos: i) apresentar as duas faculdades (capacidades) cognitivas; ii) expor a distinção das duas faculdades; iii) examinar a indispensabilidade de tais faculdades e, por fim; iv) ponderar sobre a relação entre essas faculdades para a obtenção de um resultado, ou seja, o conhecimento.

Entendemos que nas presentes passagens da *Crítica da razão pura*, o filósofo, além de expor quais as duas faculdades cognitivas necessárias à posse de cognições¹, aponta também que tais faculdades, vale dizer, sensibilidade e entendimento, são faculdades distintas, porém, indispensáveis e não separáveis para que se obtenha um “resultado”, ou seja, para que se obtenha aquilo que podemos chamar de conhecimento (cognitio).

Estética e lógica transcendental: a sensibilidade e o entendimento

Para começar, podemos assinalar a inovação de Kant, no logo no início da *Crítica da razão pura*, com os termos empregados pelo filósofo: *Estética Transcendental* e *Lógica Transcendental*. Sobre o termo transcendental, de acordo com o filósofo: “Denomino *transcendental* todo conhecimento que em geral se ocupa não tanto com objetos, mas como o *nosso modo de conhecer* objetos na medida em que

este dever ser possível a priori” (Kant, 1983; Linhares, 2012).

Desse modo, o termo transcendental, empregado junto dos termos sensibilidade e entendimento, significa, no contexto da *Crítica da razão pura*, as condições *a priori* do entendimento e da sensibilidade, isto é, as contribuições puras e *a priori* de cada uma dessas faculdades. É importante lembrar que a possibilidade de elementos *a priori* nos conceitos gerais do entendimento foi algo sempre afirmado, antes e depois de Kant (Ferrer, 2025). Porém, a tese de que a sensibilidade implica também certos elementos não empíricos, deve ser atribuída unicamente a Kant.

Tendo em vista os interesses centrais da *Crítica da razão pura*, em linhas gerais, a tentativa de encerrar as disputas e conflitos os quais envolviam a Metafísica, podemos indicar que as mudanças propostas por Kant já se constataam nos termos utilizados por ele para designar o que já existia e denominava-se, por exemplo, de estética, entendida por Kant como uma Doutrina da Sensibilidade – “uma ciência de todos os princípios da sensibilidade *a priori*” (KANT, 1983; Oliveira, 2017). O próprio termo sensibilidade, até então um mero tatear ou apreender algo pelos sentidos (tato, paladar, audição ...) e, para Kant, localizar algo no espaço e no tempo, ou seja, há, a partir de Kant, a possibilidade de condições puras e *a priori* do entendimento, bem como, da sensibilidade.

A primeira frase da introdução à Estética e à Lógica Transcendental da *Crítica da razão pura* é iniciada com o termo *Erkenntniss*: Vejamos: “Seja qual for o modo e sejam quais forem os meios pelos quais um conhecimento possa referir-se a objetos [...]” (Kant, 1983; Santos, 2010) e, “Nosso conhecimento surge de duas fontes primárias [...]” (Kant, 1983, p. 69). Verificamos, assim, que o objetivo central é o conhecimento (*Erkenntniss*), porém, nesse momento, a questão do conhecimento não será abordada da mesma maneira como fora

¹ O desenvolvimento (apresentação e justificação) de tais faculdades, o que se encerra numa crítica transcendental,

justifica a *Revolução Copernicana* em filosofia proposta por Kant.

² Grifos acrescentados.

abordado até então, isto é, o problema do conhecimento enquanto um critério para demonstração da verdade, enquanto justificação de proposições verdadeiras. Mas antes, tem-se em vista com Kant a própria legitimidade de se ter algo por verdadeiro, isto é, a busca pela gênese do conhecimento, averiguando as condições que o torna legítimo.

Kant questiona-se como é possível algo com a pretensão à verdade, ou seja, podendo ser verdadeiro (Santos, 2020). Noutras palavras, Kant questiona-se pelas faculdades cognitivas, capacidades de conhecimento que o ser humano, ser racional e senvível, deve possuir para estar de posse daquilo que chamamos de conhecimento. Lembrando que o ser humano agora guiará os objetos do conhecimento, pois Kant parte da suposição que o sujeito no ato de conhecer não é totalmente passivo.

O termo *Erkenntniss* ocorre no início tanto da Estética Transcendental, como da Lógica Transcendental, portanto, podemos dizer que o presente termo fornece o ponto de partida da argumentação de cada principal divisão da presente obra de Kant³ e, assim, o filósofo questiona-se sobre o que é necessário para termos posse do conhecimento (Pinto, 2022). Quais as condições para posse do conhecimento?

Nesse momento, uma definição se faz necessária: o que Kant entende por *Erkenntniss*? Uma acepção do termo encontramos na presente passagem:

O gênero é a *representação* em geral (*repraesentatio*). Sob ele está a representação com consciência (*perceptio*). Uma percepção que se refere unicamente ao sujeito enquanto modificação do seu estado é sensação (*sensatio*); uma percepção objetiva é conhecimento (*cognitio*) (Kant, 1983, p. 155).

Constatamos que conhecimento ou cognição, segundo Kant, constitui-se por uma representação consciente relacionada a objetos. Temos uma representação, o que significa que temos estados anímicos (determinações/propriedades),

mediante tais representações (estados) com consciência, temos uma percepção. A percepção pode ser subjetiva, refere-se ao sujeito, ou objetiva, refere-se ao objeto. No primeiro caso, apresenta-se enquanto uma percepção que causa meramente um efeito em nós, temos o que Kant chama de sensação, o mero efeito da coisa em nós, e, objetiva, quando a percepção refere-se (relaciona-se) a objetos, ou seja, não somente diz sobre modificações anímicas, nesse caso, temos a cognição.

Guerzoni (1999) aponta que, para o Kant da primeira *Crítica*, a cognição é definida a partir da relação entre a representação consciente e o objeto. Enquanto a percepção subjetiva, a sensação, limita-se a registrar as alterações que o objeto causa no sujeito, por sua vez, a cognição ocorre apenas quando essa percepção assume um caráter objetivo, apontando para além das meras modificações anímicas.

Desse modo, temos que a questão central de Kant coloca-se da seguinte maneira: quais as condições necessárias e suficientes para que tenhamos representações conscientes (percepção) que se referem a objetos?

Entendendo o termo *Erkenntnis* por uma representação consciente relacionada a objetos – representação consciente objetiva – Kant pergunta-se pelo o que é necessário e suficiente para estarmos de posse de tal representação/percepção.

Em última instância, veremos que, segundo Kant, a condição mínima do candidato a conhecimento será a unidade (imprescindibilidade, dependência e união), entre duas faculdades cognitivas (humanas) e suas respectivas marcas, a saber: sensibilidade e entendimento, intuições e conceitos (Bonetti, 2025).

Observamos que nos textos introdutórios citados, introdução à Estética Transcendental e à Lógica Transcendental, é possível vislumbrar a postura de Kant frente às questões cognitivas, isto é: a tese que sustenta a sensibilidade e o entendimento enquanto faculdades cognitivas necessárias e suficientes à posse de cognições.

³ Exceto da Dialética Transcendental que não trata mais das pretensões de conhecimento.

Nos mesmos textos, o filósofo, fornece também os argumentos que justificam a sua tese, ou seja, explicita o porquê necessitamos da sensibilidade bem como do entendimento para estarmos de posse de cognições, porque necessitamos do entendimento e da sensibilidade para estarmos de posse de uma representação consciente (percepção) relacionada a objetos (representação/percepção objetiva).

Por essa via e indicando possível uma resposta, Kant aponta a distinção, a indispensabilidade e a união ou completude de tais faculdades. O que será depois desenvolvido, especificado e demonstrado de maneira minuciosa no decorrer dos textos da *Estética* e *Lógica Transcendental*. Porém, já nas introduções, Kant apresenta a sua posição e fornece alguns argumentos em seu favor. No início da introdução à *Estética Transcendental* temos:

Seja qual for o modo e sejam quais forem os meios pelos quais um conhecimento possa referir-se a objetos, a *intuição* é o modo como se refere imediatamente aos mesmos e ao qual tende como um meio todo pensamento (Kant, 1983.; Sá, 2010)

Verificamos, desse modo, que unicamente a intuição pode referir-se imediatamente a objetos, ou seja, pode referir-se diretamente a um particular sem mediações, quer seja da sensação, quer seja por qualquer outro meio, vale lembrar que reportar-se a objetos se faz necessário quando não perdemos de vista a acepção de conhecimento empregada por Kant – representação consciente relacionada a objetos (Faustino, 2006). A intuição e, somente ela, pode fornecer o contato primeiro e imediato com o objeto, nesse sentido, intuições são capazes de fornecer (sempre) uma representação imediata e singular do objeto, representação imediata, significando uma representação não por notas comuns e, nesse sentido, uma representação singular.

Ao trazer a acepção kantiana de conhecimento como representação consciente de objetos, Longuenesse (1998) argumenta que essa

relação somente é possível por meio da intuição. Por ser desprovida de mediações conceituais, a intuição garante o caráter singular da representação, sendo a única faculdade capaz de referir-se diretamente a um particular (Leite, 2019).

Vejamos, se a intuição é a única que pode reportar a algo imediatamente, esse algo deve ser algo dado, pois tendo em vista a finitude humana, é sabido que o ser humano não é capaz de criar espontaneamente seus próprios objetos, nem colocá-los ante si. Para o caso do ser humano é preciso de objetos previamente dados.

Assim, se algo é dado, devemos receber esse algo e sermos afetados por ele de alguma (certa) maneira, segundo Kant: “A capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos denomina-se sensibilidade” (KANT, 1983; Barboza, 2014). Podemos observar que a possibilidade mediante a qual nos podem ser dado e recebido objetos reside na sensibilidade receptiva. Recebemos o dado mediante a sensibilidade e somos afetados (de alguma maneira) mediante os sentidos, por isso podemos ver, ouvir, cheirar, tocar⁴. Segundo Kant, temos, dessa maneira, a necessidade da sensibilidade, enquanto uma das faculdades cognitivas.

O filósofo, partindo de uma nota fundamental do termo *Erkenntnis*, representação consciente relacionada a objeto, chega à necessidade da sensibilidade, afinal, se tenho que me referir a objetos para ter cognição, se não crio esse objeto, então, esse objeto tem de me ser dado (Farias, 2025). Se esse objeto me é dado, tenho que, de algum modo, receber tal objeto, o que, seguindo com as considerações kantianas, somente é possível mediante uma faculdade receptiva, ou seja, a sensibilidade. Na medida em que recepciono, e sou afetado de certa maneira pelo objeto, tenho a intuição, o resultado de uma afecção.

Ao analisar o conceito de *Erkenntnis*, Allison (2004) argumenta que a relação da consciência com o objeto pressupõe essa

⁴ Kant se pronuncia detalhadamente sobre a sensibilidade e os cinco sentidos no primeiro livro da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*.

passividade inicial, afinal, como o entendimento não produz a existência do que conhece, a intuição é dependente a sensibilidade enquanto via receptiva para que o objeto seja dado por meio da afecção. Noutras palavras, para Allison (2004), a estrutura cognitiva humana é dependente de uma faculdade que seja capaz de receber os dados externos. Esse processo de recepção, denominado intuição, é o resultado direto da afecção do objeto sobre a nossa sensibilidade.

Somente a sensibilidade receptiva, a faculdade ou capacidade de receber objetos, possibilita ao ser humano as intuições e, como fora expresso, quaisquer que sejam os modos e os meios pelos quais um conhecimento (em sentido último: intuição e conceito) possa se relacionar imediatamente com objetos é, segundo Kant, unicamente pela intuição que ocorre essa relação primeira e imediata.

Constatamos, dessa maneira, que a sensibilidade é uma das faculdades responsáveis pela cognição, pois somente mediante sua marca essencial, a intuição, é possível referir-se imediatamente a um objeto. Enquanto marca essencial da sensibilidade receptiva temos a intuição e, como característica dessa marca, temos a relação imediata com o objeto.

Sendo assim, temos que a sensibilidade é necessária à cognição, no entanto, ela não é suficiente. Caso fosse apontada como necessária e suficiente encontraríamos uma contradição entre a introdução à Estética Transcendental e o início da introdução à Lógica Transcendental.

A sensibilidade se apresenta apenas enquanto uma das duas fontes principais para estarmos de posse da cognição, vale lembrar que, segundo Kant, existem dois troncos do conhecimento humano, um constatamos ser a sensibilidade, resta agora desvendar o outro tronco e como ele opera. Porém, é preciso observar que com a distinção das duas faculdades cognitivas interdependentes, Kant, ademais, nega a idéia de uma diferença meramente gradual entre sensibilidade e entendimento, Kant não considera as intuições enquanto um pensar imperfeito a qual carece de claridade. Na realidade, diz Kant, a

intuição possui outra origem, ela provém da sensibilidade.

Acerca do outro tronco do conhecendo e como ele opera, no início da introdução à Lógica Transcendental temos:

Nosso conhecimento surge de duas fontes principais da mente, cuja primeira é receber as representação (a receptividade das impressões) e a segunda faculdade de conhecer um objeto por estas representações (espontaneidade dos conceitos); pela primeira um objeto nos é *dado*, pela segunda é *pensado* em relação com essa representação (como simples determinações da mente) (KANT, 1983, p. 57).

Na presente passagem, Kant aponta a possibilidade de objetos serem dado e recebidos, bem como pensados (a possibilidade de pensar objetos) e, nesse sentido, indica a necessidade também de uma outra faculdade (não meramente receptiva), vale dizer, o entendimento (Pimenta, 2013).

Uma vez que se evidenciam duas funções distintas, receber e pensar, envolvidas na capacidade cognitiva dos seres humanos, há um bom motivo para supor que haja também duas faculdades, cada faculdade correspondendo a uma dessas funções, de tal modo que não caberia, o contexto da primeira *Crítica*, reduzi-las a uma só, mas antes distingui-las.

Mesmo tendo em vista que ambas as faculdades só podem nos colocar em posse de cognições propriamente tidas operando em conjunto, mister se faz distingui-las, o que significa que cada uma das faculdades desenvolve a sua função particular, a qual não deve ser misturada. Uma faculdade é meramente receptiva e a outra espontânea: “Estas duas faculdades ou capacidades também não podem trocar as suas funções. O entendimento nada pode intuir e os sentidos nada podem pensar. O conhecimento só pode surgir da sua reunião” (Kant, 1983, p. 70). Desse modo, de acordo com Kant, uma vez que objetos nos são dados na sensibilidade, devemos e podemos pensar esses objetos mediante o entendimento.

Com a sensibilidade receptiva obtemos somente a aparição de algo, o que o Kant chama de objeto indeterminado, apenas com a contribuição do entendimento é que podemos ter a referência a um

objeto determinado, por exemplo, essa cadeira, essa mesa. O entendimento é capaz de unificar esse corpo a todos os outros que se chamam corpos. Vejamos como isso ocorre.

Kant assinala duas peculiaridades das faculdades cognitivas – sensibilidade e entendimento. A primeira, a sensibilidade, enquanto capaz de colher representações e a segunda, o entendimento, de reconhecer um objeto mediante essas representações. A sensibilidade fornece um objeto, ainda que indeterminado, mera aparição, a apreensão do “isto” sem conceito, o entendimento, por sua vez, é capaz de pensar o objeto, ou seja, relacionar a aparição com um objeto determinado mediante conceitos, os quais unificam o que foi dado pela sensibilidade respeitando certas regras (princípios) necessárias.

Höffe (2005) explica a distinção entre a sensibilidade e o entendimento na arquitetura kantiana ressaltando que enquanto a primeira atua na recepção de representações, fornecendo o objeto como uma aparição ainda indeterminada, a segunda desempenha a função de converter esse “isto” sensorial em um objeto pensado. Esse processo de determinação ocorre mediante conceitos que unificam os dados sensíveis sob regras e princípios necessários.

Desse modo, verificamos que a sensibilidade é uma condição necessária para a posse de cognição, porém, não suficiente. Da própria insuficiência da sensibilidade, pois essa é meramente receptiva, segue-se a necessidade do entendimento, ou seja, a necessidade da espontaneidade, a formação de conceitos, do entendimento.

A espontaneidade do entendimento significa os aspectos ou regras da unificação em conceitos, porém, tal união depende diretamente do que é dado pela sensibilidade. O pensar significa, portanto, a ação sobre algo que é dado, ou seja, determinar um objeto a partir do múltiplo dado, relacionar uma intuição dada a um objeto. Se nada é dado, a faculdade denominada entendimento permanece inativa; caso não haja nada para unificar o entendimento permanece imóvel. Assim, não há conceitos sem intuições previamente dadas, o que leva à afirmação de que nenhuma cognição, representação consciente relacionada a objetos, é de

exclusiva responsabilidade de uma ou outra faculdade.

Sensibilidade e entendimento encontram-se, no interior da *Crítica da razão pura*, como dois personagens os quais só encerram o espetáculo, só temos um resultado, vale dizer, a cognição, quando os dois entraram em cena, isto é, apresentaram e desenvolveram o seu papel, a sua função.

A cognição, segundo Kant, é um processo que se constrói e envolve etapas. A primeira etapa, sensibilidade e intuições, a segunda etapa, entendimento e conceitos. O entendimento e seus conceitos apenas podem entrar em cena quando já temos algo fornecido pela sensibilidade, noutras palavras, apenas é possível unificar em conceitos quando a sensibilidade receptiva fornece algo a ser unificado (Silva, 2024). Caso contrário, o que temos são conceitos desprovidos de conteúdos, não há cognição, em termos teóricos, propriamente dita: representação consciente relacionada a objetos.

Desse modo, temos a sensibilidade/intuição e o entendimento/conceitos enquanto duas faces de uma mesma moeda, para obtenção de um resultado (cognição) não podemos separar tais capacidades, devem sempre se apresentar em relação.

Na introdução à *Estética Transcendental*, bem como na introdução à *Lógica Transcendental*, vemos que Kant assume as duas faculdades cognitivas indispensáveis à posse de cognições, do seguinte modo: a sensibilidade enquanto a faculdade capaz de receber representações na medida em que é afetada de algum modo e, o entendimento, enquanto a faculdade própria de produzir representações, ou seja, referir-se a um objeto por notas comuns, isto é, segundo conceitos.

Devemos ressaltar que Kant expõe a sensibilidade como a única faculdade para a qual algo pode nos ser dado, tendo em vista a natureza do ser bumao algo deve, necessariamente, ser dado, porém, ser dado significa apenas um estar em contato, receber representações, não sendo suficiente para re-conhecimento desse contato, dessa representação.

Eis a necessidade das duas capacidades/faculdades, junto de suas distintas funções, ou seja, receber o dado (faculdade receptiva) e pensar (faculdade espontânea) esse dado

o qual fora recebido pela sensibilidade. A sensibilidade fornece algo a ser pensado, isto é, pensar um objeto a partir do múltiplo de uma intuição sensível. Mediante a sensibilidade temos e, apenas podemos ter, intuições (sensíveis), mediante o entendimento temos os conceitos:

Intuição e conceitos constituem, pois, os elementos de todo o nosso conhecimento, de tal modo que nem conceitos sem uma intuição de certa maneira correspondente a eles e nem intuição sem conceitos podem fornecer nenhum conhecimento (KANT, 1983. p. 57).

Nota-se que, intuição sem conceito e, do mesmo modo, conceito sem intuição, não podem de maneira alguma fornecer um resultado, isto é, a cognição. Separadamente, eles representam algo sem algo que lhe é próprio, ou seja, representa a ausência de algo que lhe é constitutivo, sendo assim, separadamente não podem fornecer conhecimento algum, vale dizer, em sentido próprio (teórico) – representação consciente relacionada a objetos.

Mediante a primeira faculdade apresentada, a sensibilidade, e a sua marca, a intuição, temos uma relação imediata com os objetos, o que se apresenta como característica fundamental das intuições. Mediante a segunda faculdade apresentada, o entendimento, e a sua marca, o conceito, temos a espontaneidade do entendimento, isto é, reconhecer um objeto mediante o múltiplo dado.

Pensamos ser correto dizer que a indispensável distinção entre as faculdades, sensibilidade e entendimento, proposta por Kant em sua primeira *Crítica*, ocorre justamente mediante a marca que cada uma dessas faculdades apresenta, intuições e conceito, e, do mesmo modo, a imprescindibilidade das mesmas faculdades se dá mediante a característica essencial de cada uma dessas marcas, ou seja, a imediatez em relação ao objeto e o possível reconhecimento do objeto.

Segundo Wood (2008), a separação entre a sensibilidade e o entendimento no pensamento kantiano é estabelecida pelas propriedades específicas. Enquanto a sensibilidade se define pela marca da imediatez da intuição em relação ao objeto, o entendimento, por sua vez, se apresenta por meio da função do conceito, o que permite o

reconhecimento e a determinação desse mesmo objeto (Stobbe, 2016).

A partir dessa premissa, podemos dizer que a arquitetura kantiana não apenas isola as funções de cada faculdade para fins analíticos, mas, sobretudo, estabelece uma dependência ontológica e lógica, na qual a cognição é o resultado de uma síntese necessária. Enquanto a sensibilidade fornece a matéria por meio da intuição, garantindo o contato imediato e singular com o objeto dado, o entendimento oferece a forma e a estrutura mediante os conceitos, o que permite que a multiplicidade sensível seja pensada e reconhecida sob regras universais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos nas introduções à Estética e à Lógica Transcendental, a exposição de Kant de duas faculdades/capacidades, a sensibilidade e o entendimento, e as suas duas marcas fundamentais, a intuições e os conceitos, marcar fundamentais mediante as quais podemos distinguir tais faculdades, e verificamos, também, as características de tais marcas, ou seja, a relação imediata com objetos e o reconhecimento do objeto. No entanto, temos que, embora sejam duas faculdades distintas, cada uma delas, com as suas marcas e indispensabilidade, apenas pode fornecer um resultado, uma cognição, representação consciente relacionada a objetos, operando unidas, sempre em conjunto; afinal, cada uma das presentes faculdades reclama-se reciprocamente à posse da cognição.

A sensibilidade sem o concurso do entendimento, apesar da relação imediata com o dado, nada pode reconhecer, nada pode relacionar, isto é, nada pode pensar, por outro lado, sem o múltiplo fornecido pela sensibilidade, o entendimento sequer teria o que relacionar, o que pensar, dessa maneira, permaneceria imóvel, não podendo apresentar e desenvolver a sua função. Por fim, observamos, nas introduções da *Crítica da razão pura* abordadas, a presença de duas faculdades distintas, as quais são indispensáveis, o que

podemos verificar mediante as suas respectivas marca, bem como que as presentes faculdades apenas podem fornecer um “resultado” quando operam em conjunto, quando são manifestadas ambas as faculdades.

Para a posse da cognição, é necessário tanto tornar os conceitos sensíveis, isto é, acrescentar-lhe o objeto na intuição, quanto tornar as suas intuições compreensíveis, isto é, pô-las sob conceitos. Nesse sentido, seguindo com a filosofia especulativa kantiana, nada ocorre efetivamente, o resultado, a cognição, a representação consciente relacionada a objetos, sem o concurso de ambas as faculdades expostas – Sensibilidade e Entendimento – faculdades distintas, necessárias e complementares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALLISON, Henry *Kant's Transcendental Idealism: an interpretation and defense*. New Haven and London: Yale University Press, 2004.

BARBOZA, Jair Lopes. Schopenhauer: "die Erscheinung, das Phänomen". **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 5, n. 1, p. 03-08, 2014.

BONETTI, MARCO ANTONIO DE CARVALHO. **Os labirintos da dialética: uma leitura das antinomias na terceira crítica de Immanuel Kant**. Dissertação de mestrado apresentada ao cursode pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niteroi – RJ. 2025. 127p. Disponível em: https://www.pgfi.uff.br/wp-content/uploads/2016/03/2025_Marco_Bonetti.pdf. Acessado em 17 de agosto de 2026.

FAUSTINO, Silvia. **A experiência indizível**. UNESP, 2006.

FARIA, Rodrigo de Oliveira et al. O objetivo e a estratégia de Kant na dedução transcendental dos conceitos puros do entendimento. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG. 2025. 102 f.. DOI

<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.166>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/46676> Acesso em 12 de agosto de 2026.

FERRER, Diogo. Elementos dialéticos da Estética Transcendental de Kant e a sua recepção na Ciência da Lógica de Hegel. **Kant e-prints**, v. 20, p. e025006-e025006, 2025.

GUERZONI, José Aalexandre Durry. A caracterização preliminar das aptidões cognitivas: intuições e conceitos. In: *Verdade, conhecimento e ação*. São Paulo: Loyola, 1999.

HÖFFE, Ottifried. *Immanuel Kant*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LEITE, Danillo Ferreira. Formas da intuição e intuições formais em Kant. **Studia Kantiana**, v. 17, n. 2, p. 101-126, 2019.

LINHARES, Orlando Bruno. Sentido, sensibilidade e intuição: da Dissertação inaugural a Crítica. Comentários às obras de Kant: Crítica da razão pura. **Florianópolis: NEFIPO**, p. 41-70, 2012.

LONGUENESSE, Beatrice. *Kant and the Capacity to Judge*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 1998.

OLIVEIRA, Danilo Fernando Miner de. Espaço, intuição e fenômeno na Estética Transcendental. **Kant e-prints**, v. 12, n. 2, p. 28-49, 2017.

PIMENTA, Olavo Calábria. Da relação entre os graus de conhecimento e as capacidades de representação em Kant. **Educação e Filosofia**, v. 27, n. 01, p. 281-301, 2013.

PINTO, Anny Kátia da Silva. **A fundamentação do conhecimento na estética transcendental em Kant**. Dissertação ao Programa de Pós-Graduação

em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, -- Maringá, PR, 2022. 82 f. Disponível em: http://siteadmin2.uem.br/pgf/dissertacoes/2023/anny-katia-da-silva-pinto_2023_mestrado-copia.pdf. Acesso em 16 de agosto de 2026.

SÁ PEREIRA, Roberto Horácio. Intuições sensíveis em Kant: nem conceitualismo nem não-conceitualismo. **Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia**, v. 33, n. 2, p. 467-495, 2010.

SANTOS, Arthur Henrique Soares dos. Os juízos sintéticos a priori na Crítica da Razão Pura de Kant: conhecimento e implicações metafísicas. **Pólemos—Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, v. 9, n. 18, p. 48-70, 2020.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios. **Trans/Form/Ação**, v. 33, n. 2, p. 35-75, 2010.

SILVA, Elaine de Faria Michele. **Entre a sensibilidade do olhar e da escuta nas práticas pedagógicas afetivas na escola**. Tese(Doutorado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba 2024. 181 f., Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/2052>. Acesso em 18 de agosto de 2026.

STOBBE, Emanuel Lanzini. Humanidade como natureza racional na filosofia moral de Kant. **Guairacá-Revista de Filosofia**, v. 32, n. 1, p. 81-93, 2016.

WOOD, Allen. *Kant*. Porto Alegre: **Artmed**, 2008.